

ISSN: 2319-0124

O Acolhimento na conjuntura das Escolas de Aprendizizes e Artífices

ALVARENGA, Alexsandra Marta da Silva¹

RESUMO

Este texto, caracterizado como pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apresentar o acolhimento na conjuntura das Escolas de Aprendizizes e Artífices e suas contribuições na transformação da estrutura social brasileira, modernização e desenvolvimento econômico da população brasileira, trazendo sua relevância no contexto da educação profissional. Com a finalidade de promover o conhecimento acerca do acolhimento estudantil como ideia primeira e preliminar, manter os menores o mais longe possível de sua situação de miséria, fome e violência. Além da compreensão a razão mercantil ignora por completo a singularidade do trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Educação profissional; Brasil República; Desvalidos de sorte.

1. INTRODUÇÃO

A história da educação profissional decorre das demandas políticas, econômicas e sociais que atingiram o Brasil no período do Brasil República (Santos, 2016), o processo e industrialização e urbanização do país, provocou as condições históricas para a existência dos menores em condições de vulnerabilidade socioeconômica, surgindo a necessidade de formação de mão de obra para a inserção ao mercado de trabalho. Para que o país tivesse condições de crescimento e de dar apoio aos menos favorecidos, políticas públicas foram pensadas e desenvolvidas pautadas inicialmente, no assistencialismo, sendo resultado da articulação de interesses políticos. Dentro dessa ótica assistencialista, o objetivo era “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte” (MOURA, 2007, p. 6).

Queluz (1995, p. 33), aponta que a Escola de Aprendizizes Artífices acaba tendo uma função que vai além do ato de ensinar:

Os alunos não só receberiam o ensino elementar e o ensino profissional, teriam também a sua educação moral orientada. A maior parte dos que frequentam os estabelecimentos como este são filhos de lares miseráveis e viciados, não encontrando na educação paterna essa firmeza e essa linha tão necessária ao homem.

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), IFSULDEMINAS, câmpus Poços de Caldas. E-mail: alexandra.alvarenga@alunos.ifsuldeminas.edu.br

No entanto, Carvalho (2017) nos revela que, Nilo Peçanha ao criar as Escolas de Aprendizizes e Artífices, nada mais fez do que adequar a máquina pública aos interesses industriais da época, travestido de transformação da estrutura social brasileira, modernização e desenvolvimento econômico da população brasileira.

Por consequência, para que o Brasil pudesse crescer e deixar de ser um país agrário, ou seja, de “atender às demandas de um desenvolvimento industrial inexistente” (KUENZER, 1999, p. 88), os dirigentes da cidade do Rio de Janeiro, capital do país, tomaram a decisão de realizar a reforma sanitária e, com isso, os trabalhadores assalariados foram sendo empurrados para cima dos morros, “imposição de uma ordem capitalista” (CIAVATTA, 2012, p. 39). Assim, este texto tem como objetivo apresentar o acolhimento na conjuntura das Escolas de Aprendizizes e Artífices no início do século XX, trazendo sua relevância no contexto à educação profissional.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, através da revisão sobre a temática em artigos, livros e capítulos de livros. Originou-se de uma atividade de conclusão da disciplina de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em Educação Profissional e Tecnológica, cursada no primeiro semestre de 2022, no Mestrado ProfEPT do IFSULDEMINAS *Campus* Poços de Caldas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Embora as Escolas de Aprendizizes e Artífices contasse com uma estrutura precária e com professores despreparados para o ensino dos ofícios, os primeiros cursos profissionais a serem ofertados para os estudantes eram voltados para o trabalho operário, contra mestres e trabalhos manuais. A criação dos cursos deveriam estar de acordo com as consultas realizadas às indústrias locais, conforme as áreas que mais ofertam emprego, ou seja, as profissões do momento, do futuro (SANTOS, 2016).

Contudo, com o processo de urbanização e industrialização crescente no país, os menores aprendizizes, em sua maioria, abandonavam a escola, “em busca dos empregos nas fábricas ou nas oficinas, porque à essa altura já possuíam os conhecimentos mínimos para a ocupação de determinados postos de trabalho (Santos, 2016, p. 214), ou seja, saíam em busca de melhores condições de vida e gerar renda para sua família.

Segundo Queluz (1995, p. 32), a realidade em que os menores se encontravam era muito dura e difícil, muitos não tinham nenhum par de sapatos para colocar nos pés, a maioria andavam descalços, e o simples fato de dar-lhes um uniforme era uma forma de

apresentá-los à sociedade com aspectos de “crianças sadias”, além de lhes oferecer uma identidade.

Para Antunes (2002, p. 166), o êxito do capital e a sua expansão reprodutiva, somente obteve sua ascensão porque encontrou um terreno fértil nas mazelas humanas, “ou seja, para converter a produção do capital em propósito da humanidade era preciso separar valor de uso e valor de troca, subordinando” as necessidades da sobrevivência humana, o comportamento à alienação e ao controle social “metabólico”.

Paro (1999, p.9), ressalta que, a razão mercantil ignora por completo a singularidade do trabalho pedagógico, procurando implantar nas Escolas de Aprendizizes Artífices princípios e métodos administrativos de empresas de negócios, assim verifica-se o fracasso, tanto na permanência dos menores nas escolas, quanto na qualidade formativa da educação em proveito às demandas do “mercado”.

Dessa forma, o acolhimento aos estudantes da educação profissional estava voltada para uma formação para o mercado de trabalho, por meio da produtividade deste sujeito.

4. CONCLUSÕES

Podemos concluir que embora a oferta da educação profissional estivesse pautada na produção e na produtividade, na formação voltada para o mercado de trabalho, na orientação da moral, de modo implícito temos o início da prática do acolhimento aos menores nas Escolas de Aprendizizes e Artífices. Isto significa que o acolhimento estudantil teve seu início e como ideia primeira e preliminar, manter os menores o mais longe possível de sua situação de miséria, fome e violência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo. Cortez/Unicamp, 8ª edição, 2002.

CARVALHO, Augusto Monteiro de. **Nilo Peçanha e a Criação Das Escolas De Aprendizizes Artífices no Contexto Da Primeira República (EAAs): 1910 – 1914**. In: CARVALHO, Augusto Monteiro de. “Nilo Peçanha e o Sistema Federal de Escolas de Aprendizizes Artífices (1909 a 1930)”. Programa de Pós Graduação do Depto de História da FFLCH-USP, 2017. Disponível em: http://www.abphe.org.br/uploads/Encontro_2018/DE%20CARVALHO.%20NILO%20OPE%20C3%87ANHA%20E%20A%20CRIA%20C3%87%20C3%83O%20DAS%20ESCOLAS%20DE%20APRENDIZES%20ART%20C3%8DFICES%20NO%20CONTEXTO%20DA%20PRIMEIRA%20REP%20C3%9ABLICA.pdf. Acesso em: 20/01/2022

Clavatta, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. Revista **Psicologia, Organização Trabalho**. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 33-45, abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 fev. 2022.

Kuenzer, A. (Org). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2009.

Moura, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**. Natal, V2. P -17, 2007.

Queluz, Gilson Leandro: **História do CEFET: Escola de Aprendizizes e Artífices do Paraná em 1909-1922**. vol. 14, p. 29-33. 1995. Revista Tecnologia e Humanismo. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/6531-22252-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/6531-22252-1-SM%20(1).pdf) Acesso em: 26/12/2022.

Paro, Vitor Henrique. **Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica**. In: FERRETTI, Celso João; SILVA JÚNIOR, João dos Reis; OLIVEIRA, Maria Rita N. (Org.). Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999. p. 101-120. Disponível: www.vitorparo.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Parem-de-preparar-para-o-trabalho-1.pdf Acesso em 01 set 2021.

Santos, Jailson Alves dos. **A Trajetória da Educação Profissional e Tecnológica**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.